



# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 7 de Outubro de 1978 \* Ano XXXV — N.º 002 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Há mais de um ano que procuramos o terceiro de dois irmãos que temos connosco. O pai morreu. A mãe, antes da morte do marido, tinha abalado com outro e abandonado o primeiro ranchinho. Só aquele que procurávamos, então muito pequenino, levou consigo. Viviam na área da «grande Lisboa». Entretanto vieram para a região de Leiria e sabemos agora que estão na Marinha Grande. Sabemo-lo porque o pequeno apareceu aqui há dias, pelas mãos da Família que, tendo presenciado o seu viver, o chamou a si e o tem como filho. «Não é o primeiro desta condição que recebemos» — me disseram. E nem o conhecerem já por experiência as dificuldades em que se meteram, os dissuade do projecto de tentar fazer dele um homem.

Conversámos. Edificou-me o bom espírito daquela boa gente que, ao contacto de um problema humano, não se ficam por panaceias, mas vão ao fundo dele e assumem a responsabilidade de o solucionar. Alertei-os para o perigo que a mãe e a nova família que entretanto se gerou, pode representar para o futuro deste miúdo. E prontifiquei-me — e

## Contrastes

Por  
Padre Carlos

já cumpri — a interceder junto do Tribunal de Menores onde o pequeno tem processo, para que seja dada a esta Família a tutela legal que a constituirá oficialmente responsável, ela que de facto e espontaneamente tomou tal responsabilidade.

Eis um caso social arrumado e na melhor linha possível (integração da criança numa Família sã e de dimensões normais) graças à boa consciência que se não aquietou no «não fazer aos outros o que não queria que lhe fizessem», mas se conserva inquieta com o mal que vê e se decide ascender ao nível, só esse verdadeiramente cristão, de «fazer o que queria que lhe fizessem» em condições idênticas.

Poucos dias passados, de uma região tradicionalmente cristã do interior duricense, chegou esta carta de um Pároco:

«Os meus afectuosos cumprimentos ao Senhor.

Conheço um rapazinho que é órfão e que eu gostaria de ver internado nessa Casa, se possível, pois é um caso de urgente necessidade.

O rapazinho deve ter cerca de 10 anos e é filho espúrio duma mulher que morreu há um ano pouco mais ou menos.

Após a morte da mãe foi acolhido pelo padrinho, mas a esposa deste não descansou enquanto o não viu fora de casa, tratando-o desumanamente. Depois passou a viver em casa de uns tios que, também sei, o aborrecem.

Eu só o não recebo em minha casa, porque as condições em que estou não o permitem: nem sequer tenho pessoa de família comigo. Contudo não me importava de ajudar com uma pequena mensalidade, ou doutra forma, a casa que o recebesse.

Por isso muito agradecia ao estimado colega o favor de me dizer se seria possível admiti-lo.

Se forem necessários mais esclarecimentos procurarei informar-me mais detalhadamente a fim de lhes prestar.»

Folgo com a disposição deste irmão no sacerdócio: Conhece o drama, inquietta-se e procura remediar. «Eu só o não recebo em minha casa, porque as condições em que estou não o permitem.» Mas vai aonde pode. Se o problema pode resolver-se com uma comparticipação monetária, ele a propõe: «Não me importava de ajudar com uma pequena mensalidade, ou de outra forma, a Casa que o recebesse». Certa, graças a Deus, a posição deste Pároco.

Mas o problema não reside no dinheiro. São chusmas, cada vez mais numerosas, que nos batem à porta. Nós temos nossas Casas cheias e outras Instituições semelhantes sabemos que da mesma sorte. Ora nós devemos ser o último recurso. Os casos sociais devem resolver-se o mais possível nos lugares onde surgem, dentro daquele princípio por que Pai Américo tanto se bateu: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres».

Eu vou dizer a este irmão sacerdote que lhe não posso dar o sim que me pede. E vou tentar dirigir a sua inquietação para outro alvo: a ausência de espírito cristão em alguns, pelo menos, dos seus paroquianos.

Pois que são os Padrinhos, na realidade íntegra do Sacramento do Baptismo? Não são os que fazem as vezes dos pais? Se essa criança de 10 anos nunca teve pai e agora ficou sem mãe — não lhe são os padrinhos estritos

Cont. na 3.ª pág.

## AQUI LISBOA!

«A esmola da rua é de todas a mais fácil de dar e a mais inconveniente. Faz-se ordinariamente com ela um mal sob as aparências de um bem.» (Pai Américo)

Por essa Lisboa fora, como aqui temos referido, deparamos com as situações mais excêntricas. Em locais estratégicos, por onde passam as gentes a caminho das suas ocupações, junto das igrejas, nos locais de embarque e desembarque das multidões que ocorrem ou saem da capital, pedintes profissionalizados estendem a mão, pedindo. Os expedientes utilizados são os mais dispare. Encontram-se crianças e adultos, alguns destes servindo-se das primeiras, não raro, como chamariz. Chagas expostas, acompanhadas de letrados ou de palavras adequadas, são lugar comum.

Não consta nem se dá conta que as autoridades responsáveis se interessem pelos quadros apontados. Quando muito haverá o recurso a atitudes repressivas de algum agente policial. Saber do fundo das questões e encaminhar as pessoas não importa. Pôr cobro aos abusos e aos artificios da exploração não parece valer a pena, que os problemas são muitos e quase todos importantes, embora também sem solução.

É difícil mentalizar as pessoas que «a esmola da rua é de todas a mais fácil de dar e a mais inconveniente». Ajudar os que precisam ou que estão em dificuldade é uma obrigação daqueles que podem. Mas o dar supõe-se como um acto inteligente, embora aquecido pelo coração. Alimentar oportunistas é contribuir para a criação de vícios e de hábitos de preguiça, que vão esfarrapando as pessoas interiormente até à sua completa destruição. E dar esmola deve ser um acto de elevação e de ajuda efectiva. O bem tem de ser bem feito. E dar esmola, com frequência, representa apenas uma manifestação de egoísmo, para não sermos incomodados ou, quando muito, mero e frio automatismo.

As crianças habituadas à pedincha, sobretudo de certa idade, dificilmente se adaptam à vida das nossas Casas. Infelizmente, alguns visitantes, que têm pessoas ou lugares adequados a quem ou aonde entregar os seus donativos, comprazem-se em dar aos nossos pequenos importâncias em dinheiro. Fazem mal sob as aparências do bem, como acima se cita. Em vez de ajudarem os Rapazes, só os

Cont. na 4.ª pág.

Um ex-autocarro da Carris transformado em habitação e com a palavra FOME escrita num dos topos, é imagem sugestiva, neste ano da Graça de 1978, em plena Capital!



# PALHAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**VINDIMAS** — Começou a nossa vindima! Com ela, a colheita de algum vinho verde que não teve tempo de amadurecer... Houve de ser assim, porque em Outubro começam as aulas e a maior parte dos Rapazes está ocupada.

O tractor vai e vem da vinha para a adega com pressa de acabar o trabalho. Os mais pequenos andam por lá todos contentes a apanhar bagos caídos no chão durante a vindima. Mas não só, também apanham apetitosos cachos das dornas.

O trabalho é feito com ordem. O Serafim é o supervisor do trabalho. Os mais crescidos sobem e descem escadas, despejando as cestas nas dornas. Mas, também, procuram certificar se o que colhem é realmente bom...

Um trabalho alegre para quem o faz com o respectivo apreço que uma vindima merece.

### INSTRUMENTOS MUSICAIS

Já anteriormente recebemos a mesma quantia, só que, em vez de ser de Ovar foi da Praia do Ribatejo: mais dois vales de 10.000\$00 cada. Mais 500\$00 de V. N. de Gaia e estas palavras:

«Envio esta pequena ajuda para os instrumentos musicais.

Gosto muito de música e, como não sei tocar, contento-me em ouvi-la. Por isso, às vezes, gasto nisso algum dinheiro; e até tenho remorsos pensando que a tantos falta o essencial — se bem que a música consola a alma. Por causa desse remorso até tenho pena de dar tão pouco, mas fico pedindo a Deus que o multiplique e também a vontade de dar.»

De Lisboa chegam 500\$00 sem palavras, sem comentários e sem nome!

Quanto a música pouco há a acrescentar, a não ser que, no dia 24 do mês findo, pelo encerramento do 2.º Festival das Vindimas, tocámos um pouco no pátio da nossa Capela, antes da distribuição dos prémios.

Vamos andando devagar para podermos chegar ao longe.

Estamos a pensar comprar um órgão, que faz muita falta, mas ainda não temos o dinheiro suficiente. Esperamos mais ofertas!

**UMA VISITA** — No domingo, dia 24/9, estive de visita à nossa Aldeia um grupo de antigos gaiatos, um ou outro já de cabelos brancos.

Estive o «Piolho», «Tirolino», «Rio Tinto», «Sapegato», «Pinóquio», «Joana», Zé Eduardo, Teles, Oscar, «Mira», «Amarante», «Melgaço», Rui, João, Veiga, «Espanhol» e mais outros que não conseguimos, agora, indicar os nomes — mas eles não se zangam, com certeza.

O nosso P.e Carlos prontificou-se a trazer alguns, sem meio de transporte próprio, do Porto até nossa Casa.

Renniram-se à Mesa do Altar. O P.e Carlos celebrou Missa. E, depois, a

maior parte deles confraternizou junto à velha fonte de S. João, cuja água fresquinha matou saudades a todos...

A última etapa desta peregrinação foi o Calvário de Beire. No fim da visita àquele lugar sagrado, o P.e Baptista, que poucos deles conheceu (excepto a s.ra D. Maria da Granja), abeirou-se de quase todos. Conversou. Elucidou. E, com um abraço, a malta seguiu viagem, cada um p'ra sua casa.

**MUDANÇAS** — Escrevo as linhas antes de se processar a mudança dos mais pequenitos para a casa 4.

Não sei se estão recordados que esta casa sofreu obras de alto a baixo. Como já está pronta...

Também e em vistas ao novo ano lectivo, os Rapazes escolherão um novo trabalho e há outros que escolhem o estabelecimento de Ensino que desejam frequentar.

Os mais pequenitos começam a ir à Escola pois com a aproximação do Inverno já estão mais protegidos do frio.

**FESTIVAL DAS VINDIMAS** — Realizou-se em nossa Casa entre os dias 16, 17 e 23, 24.

Este Festival teve a participação de atletas populares e filiados e a ajuda da Direcção Geral dos Desportos e de uns amigos do desporto, em Paço de Sousa.

Tudo correu como se previra, a não ser o adiamento da natação por falta de água para encher a piscina. De resto, tudo decorreu dentro do programa elaborado.

Eis as classificações:

1.200 Metros — 1.º Luís Brito, 2.º Avelino Silva e 3.º Agostinho Caetano, todos da Retorta.

2.500 Metros — 1.º José Ferreira — Novelas, 2.º Ulisses Carneiro — Gaiato, 3.º António Sousa — Sta. Luzia.

3.000 Metros — 1.º José Monteiro — Novelas, 2.º Carlos Barbosa — Novelas e 3.º José Pinto — Retorta.

8.000 Metros — 1.º Escaleira — Gaiato, 2.º Adão Silva — S. Lourenço, 3.º João Pereira — Gaiato.

Estafeta 4x400 Metros — 1.º Desportivo C. do Gaiato, 2.º S. Lourenço, 3.º Novelas.

15.000 Metros — 1.º Escaleira — Gaiato, 2.º José Monteiro — Novelas, 3.º Henrique Gonçalves — Gaiato.

Salto em Altura — 1.º António Barbosa — Gaiato, 2.º Paulo Mendes — Cavadas, 3.º José Monteiro — Novelas.

Natação: 50 Metros livres — 1.º Júlio Coelho — Retorta, 2.º Fernando Malheiro — Novelas, 3.º Ulisses Carneiro — Gaiato.

75 Metros — 1.º José da Silva — Sta. Luzia, 2.º Fernando Campos — Fonte Arcada, 3.º Carlos Almeida — Retorta.

100 Metros livres — 1.º José da Silva — Sta. Luzia, 2.º Daniel Rodrigues — Fonte Arcada, 3.º Humberto Jorge — Gaiato.

25 Metros Mariposa — 1.º Humberto Jorge — Gaiato, 2.º José Martins — Sta. Luzia, 3.º Ribeiro Soares — Cavadas.

Damas — 1.º António Carvalho — Centro Cultural de Cete, 2.º João Teixeira — Novelas, 3.º Zeca Maia — S. Lourenço.

Ténis de Mesa — 1.º Manuel Teixeira — Gaiato, 2.º Fernando Vieira — Novelas, 3.º Aurélio Pinho — Novelas.

Classificação por equipas: 1.º Desportivo da C. do Gaiato; 2.º Associação Novelense; 3.º Lusitano da Retorta; 4.º Desportivo de Sta. Luzia; 5.º Fonte Arcada.

Classificação do Decatlo (Individual): 1.º Álvaro Candeias — Gaiato; 2.º Jorge Alvor — Gaiato; 3.º Carlos Barbosa — Novelas; 4.º José Coelho — S. Lourenço.

**ESFREGA** — Estou a escrever incomodado constantemente pelo «Batalhão» e pelo «Jojó».

Tive que mudar várias vezes de escritaninha! Eu trabalhava porque escrevia. Eles esfregavam, logo trabalhavam e o trabalho até ficou bem feito.

Parabéns aos dois.

«Marcelino»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**DIA-A-DIA** — Nos meios rurais, o vicentino é arrimo de muitos casos, até de quem tem o pão-nosso-de-cada-dia garantido e... carências de vária ordem!

É a dita *pensão social* prometida e ainda não cumprida para todos. Tantos Pobres iludidos! São os problemas dos Auto-construtores. E dos Pobres a quem prestamos assistência mais assídua. São os doentes. É uma confiança que exige uma sugestão, quicá uma linha de rumo.

Temos de procurar saber ouvir! Um trabalhador, a caminho da Terceira Idade, não aguenta, tanto física como psiquicamente, o esforço sobre-humano exigido pelo serviço na fábrica onde ganha o seu pão.

— ...  
— Uma empresa com tamanho pessoal...! — Somos, somos centenas d'homens...

— Não têm uma assistente social?!

— Temos, sim senhor.

— Sendo assim, peça audiência. Exponha o assunto. Ou ela — como lhe compete — aborda a Administração com vista à sua reconversão profissional, à mudança de situação no trabalho, p'ra mais leve, ou então que diga a melhor maneira de V. expor o caso aos patrões.

O recoveiro dos Pobres dá, ainda, a mão a problemas d'outra índole!

Um casal sem filhos, cansado de percorrer médicos e terapêutica, pede opinião para decidir a adopção de um filho de ninguém...

Agora, também sobre as brasas, vamos tentar andanças para o reinternamento urgente de um alcoólico com uma enorme prole de filhos, crianças futuramente condenadas à pior miséria. Opõe sempre fortíssima resistência ao tratamento; sempre! As voltas ultrapassam, normalmente, as nossas disponibilidades.

E andam os homens contestando estruturas; discutindo ideologias; perdendo tempo, dinheiro e saliva com lana caprina, quando há tanto que fazer no mundo, concretamente...!

Tantos homens à espera de mão amiga, discreta, qual pequenina tábuca-de-salvação ou de conforto em horas negras da vida!

Não é poesia. É o *ponto da situação* — como eles agora dizem.

**PARTILHA** — 250\$00, em vale de correio, como habitualmente, da rua Pascoal de Melo, Lisboa. Mais 200\$ do casal-assinante 17022, de Santarém, que nunca falta! De Coimbra, uma carta muito amiga com 500\$00, talvez para a Auto-Construção ou

para alguma necessidade mais urgente». Agradecemos as felicitações e pena temos de não sabermos a morada desta Assinante!

«Uma Vicentina de Alijó envia essa migalha (180\$) para a Conferência, desejando a todos as maiores felicidades.» Agradecemos e retribuimos, como oficiais do mesmo officio. Um discreto sobrescrito traz 1.500\$00 e uma legenda dactilografada: «Para a Conferência de S. Vicente de Paulo». Outra «migalhinha» da assinante 11162, do Porto. Tão certinha, também! Ainda do Porto, rua Azevedo Coutinho, 500\$00 «lembrando a data da morte de minha Mãe e pedindo orações por ela e pelo meu Marido». São legendas significativas, tão espirituais!

Agora, vem lá uma letra muito conhecida, de um bom Amigo do Fundão, com «300\$00 para os Pobres, sufragando a alma de minha Mãe. Peço uma oração por Ela». E, mais adiante, um aviso: «Como sempre é favor ignorar o meu nome». Respeitamos escrupulosamente. Esta é uma procissão de Anónimos.

Mais 100\$00 de «velha Amiga», de Lisboa. Lamego, 100\$00 — uma «pequenina lembrança».

Por fim, uma carta do Porto sobre a qual nos curvamos respeitosamente:

«Uma grande amiga depôs nas minhas mãos a quantia que acabo de enviar em vale do correio. É uma insignificância, mas equivale quase a um mês da reforma que os seus 74 anos de vida rural lhe concedem.

Esta amiga vive no esquecido Nordeste transmontano e, pelas carências que sofre, compreende as dos seus irmãos. Por isso, envia uma migalha do que lhe faz falta.

Deus conhece o coração de quem dá e a vontade de dar mais.

De facto, só quem aos 74 anos, e ainda trabalhando a terra, saberá bem compreender as carências dos Pobres, pois também ela é doente e deseja que só Deus conheça a sua oferta».

Que gesto sublime!

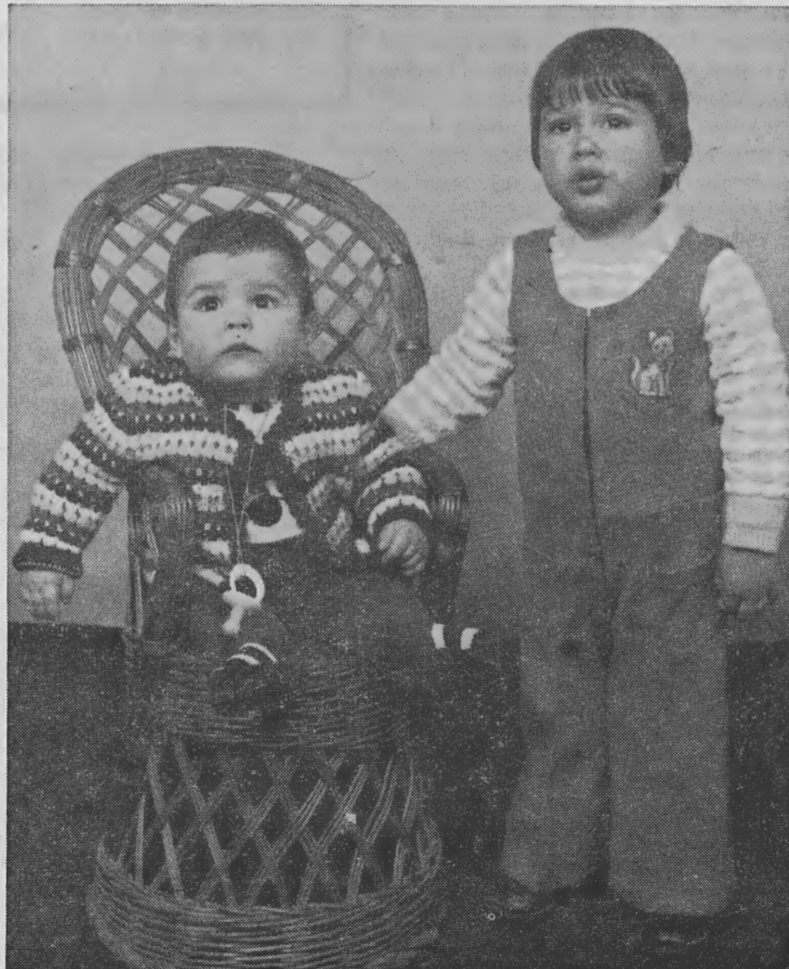
Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## BANANEIRA

Hoje andei caçando rolas, pelo Cavaco dentro. Atravesei valetas transbordantes de água e musgo engrinaldando as suas bordas. As altas palmeiras e mangueiras formavam sombras às suas gloriosas bananeiras que nos oferecem quadros mais belos que o sonho que um artista poderia ter no céu.

Passei pelo «Porto», já cansado da longa caminhada sob um sol ardente. Avistei-me com o nosso Laurindo — sempre atarefado — que, com a sua simpatia me serviu uma caneca de kissangua fresquinha. Trocámos breves considerações sobre a fazenda, a minha caça e o seu estado de saúde que não anda lá muito católico.



Paulo Jorge e Fernando — filhos do «Chico dos teares».



Beatriz do Porto, com 1.000\$, «um bocado do meu subsídio de férias». 100\$ de Coimbra. E 5.000\$ de Guimarães. 300\$ de Alcobça. Vale de 298\$, dos funcionários da Direcção-Geral da Marinha Mercante. Mais 1.000\$ da Figueira da Foz. 200\$ de uma «Mãe de Matosinhos», por alma de Rogério. 50\$ de Caria. Da Maia, 450\$ em acção de graças. Roupas e 100\$, de algures. 100\$ de Leiria. Dos empregados da Farmácia do Castelo, mais 977\$50, produto da venda de papel e cartão velho. A mensalidade da Amadora, em selos de correio. 100\$ «a promessa que a minha gratidão não esquece». Da Rua António Cardoso, dois cheques de 3 contos cada. 200\$ de Parede. E 100\$ de Coimbra. Do pessoal da Fábrica de Malhas Marão, na sua visita anual, 6.540\$.

Dum primeiro aumento, dois mil quatrocentos e treze escudos e mais 500\$ em acção de graças por uma coisa perdida, mas depois encontrada. Minô, em férias, não nos esquece e envia 1.000\$. Por alma de Manuel, 200\$. E de Estarreja 300\$. Duma promessa,

O nosso Sampaio era o seu curandeiro indicado.

— Não sei mesmo quando é que ele volta! — disse ele com certa tristeza.

Dando continuação ao meu «Safari», também passei pela nossa Aldeia com lugares fantásticos, em que a Natureza muda o seu aspecto. Emocionei-me diante dos nossos «Batafinhas» com as suas correrias em direcção à despensa, onde os aguardava o sempre apetitoso lanche da tarde. Depois assisti ao mais belo espectáculo dos continuadores da Obra da Rua. Percorri a par e passo as nossas belas avenidas, sempre varridinhas e modestas. Parei maravilhado, diante da nossa pocilga, onde pude ver com proveito o «Bisnaga» e outros, darem a última refeição aos porcos que até causam inveja a qualquer visitante ou comprador que nos bata à porta.

Não foi o fim do meu dia. Há mais que ver. Por isso, apanhei uma boleia na «Mercedes» e fiquei à porta do meu lar com toda a caça do dia.

Agora, uma saltada ao Campo do Nacional, onde deparo com jovens cheios de vida, de troncos nus e refulzentes, dentro do campo; «batem no ferro quente», enquanto ele esteja quente, a fim de darem à equipa de todos nós a moldura desejada e merecida. E, numa das bancadas principais, os nossos dirigentes avaliam o presente e perspectivam o futuro forjando o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato.

E foi o fim do meu dia. Mas não estou satisfeito, porque vi pouco e ainda há muito que ver. Desejava ver o sol da meia-noite, nas montanhas da Noruega. É possível que nunca veja realizados os meus desejos, porque o tempo e as disponibilidades fixam limites aos anelos humanos; mas há uma esperança que se torna tanto mais rica quanto mais tempo passa e cuja realização não exige dinheiro terreno. Penso nele quando ouço falar de viagens espaciais e de satélites da terra, porque estou a fazer planos para um dia de mil horas, muito para lá das estrelas.

Solano

## Do que nós necessitamos

500\$ da ass. 5115. De Lisboa, Maria Luisa com 100\$, solicitando orações, um olhar de piedade de Deus ao seu Lar. Ass. 28248 com vestuário. Mais um pacote com coisas, de Portalegre. Por alma de António Francisco, 150\$. De Verdemilho, 100\$ por uma graça recebida. De Avintes, duas presenças de 100\$ cada. De Santarém, Teresa Isabel, de 9 anos, envia 50\$ que foram achados. E bem hajam pelo teu carinho. Mais 300\$ de Gaia. 200\$ de Queluz. Da Calçada da Estrela, os 150\$ habituais. Por alma de Alberto Marques, 500\$, em acção de graças ao Divino Espírito Santo, 200\$. De Valongo, vale de 1.000\$ «a fim de comemorar mais um aniversário da minha ordenação sacerdotal». Que o Senhor permita muitos mais, são os nossos votos.

«Em memória de minha filha, envio 170\$00 que são o rendimento de duas obrigações do Tesouro, que ela tinha.» De Afurada, 1.000\$. Anónima do Porto, com 2.000\$, para a compra dum enxoval para uma criança necessitada. Em cumprimento duma promessa, mil escudos de Anadia. A mensalidade de 150\$ da Amadora. Ainda desta Vila, os 100\$ em selos do correio que nos chegam todos os meses. 6 contos da Casa do Bairro, em Santa Cristina do Couto. E 1.100\$, «metade da minha primeira reforma». Roupas e 670\$, donativo em memória de Teresa de Sousa Tavares. De Almada 1.000\$ e estas linhas: «É uma pequena lembrança da minha filha de 4 meses, para todos aqueles que nasceram mais desfavorecidos. Embora pouco é dado com toda a amizade e carinho dum bebé inocente».

Por esta e muitas mais intenções, pelas quais recebemos vossas ofertas, Deus seja louvado!

Da Cruzada de «Bem-Fazer» da Boavista recebemos 500\$, pela passagem do 17.º aniversário dessa Associação. De Lisboa-5, mil escudos, entregues pelo Carlitos. Irmã de J. P. R., com 500\$. Mais três mil escudos de pessoa regressada de Angola. De um grupo de jovens de S. Nicolau, 500\$, com a lembrança de que o «Barredo pertencia a S. Nicolau...» E 100\$ de Lisboa, satisfazendo uma promessa. Por graças recebidas, mais 500\$ de Gondomar. Mais um cheque de 1.000\$ de Lisboa. Dos Amigos de D. António Barroso, 50\$.

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procição continua em forma! E com grande entusiasmo. Muitos justificam o compromisso. Outros, o silêncio é de oiro. Com a alma cheia nem são capazes de transmitir ao papel o seu encontro com O GAIATO!

Temos frizado o cuidado, a devoção, o interesse de alguns leitores, assíduos ou não, em propor seus filhos ou netos para a Família de assinantes de O GAIATO. Não temos palavras para encarecer este critério, pois o futuro está na mão dos jovens. E até porque a Obra da Rua se dedica principalmente à criança abandonada. Somos uma Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

«Hoje, quando saía da Missa — afirmam de Lisboa — com-

prei O GAIATO sem pensar no benefício que ia tirar da sua leitura. Fiquei viúva tinha meu filho 14 meses. Agora, já tem 15 anos de idade. Sinto-me muito só. E debato-me com um problema que me deprime, moral e fisicamente. Li o vosso jornal de fio a pavio. E senti uma paz de alma extraordinária. Resolvi ser assinante. Mas, pensando melhor, agradeço que a assinatura seja feita em nome de meu filho para ele se cultivar com a sua leitura.»

Da Outra Banda, mais concretamente do Barreiro, uma presença que não podemos esconder:

«Venho propor mais um assinante. Esta decisão deve-se a eu ser uma apreciadora da vossa Obra e leitora de O GAIATO. Contudo, não sou assinante, mas sim a minha mãe. Sendo casada, já há alguns anos e tendo um filho de 3 anos, achei por bem inscrevê-lo como

assinante do vosso jornal e contribuinte da Obra que tanto apreciamos e admiramos.»

Alguns leitores-avulso, para evitarem naturais desencontros com os nossos pequenos vendedores, tomam a iniciativa de se vincularem a O GAIATO como assinantes:

«Sou leitora ocasional do vosso pequenino jornal, mas admiradora, de longa data, da Casa do Gaiato. A partir de agora, porém — sublinha uma senhora de Condeixa — gostava de me tornar assinante de O GAIATO.»

Agradeço, pois, que me mandem dizer quanto devo mandar para que o possa receber periodicamente em minha casa.»

Além de um bom grupo de assinantes do Porto e Lisboa, registamos, ainda, presenças de Queluz, Sintra, Foscoa, Ilhavo, S. João do Estoril, Alverca do Ribatejo, Leiria, Chaves, Alquerubim, Lagares (Douro), e Louriceira (Arruda dos Vinhos).

Júlio Mendes

Além de um bom grupo de assinantes do Porto e Lisboa, registamos, ainda, presenças de Queluz, Sintra, Foscoa, Ilhavo, S. João do Estoril, Alverca do Ribatejo, Leiria, Chaves, Alquerubim, Lagares (Douro), e Louriceira (Arruda dos Vinhos).

Júlio Mendes

## Contrastes

Cont. da 1.ª pág.

devedores da assistência de que ela precisa? Como pode dormir em paz essa madrinha, que depois de «tratar desumanamente» o afilhado, «não descansou enquanto o não viu fora de casa»? Pensará ela que as orações que porventura faça, os sacramentos que talvez receba, lhe aproveitam para aquele dia terrível em que o Senhor a chamará a contas sobretudo pelo que não fez? Parece-me que ela permanece exactamente em estado de conversão.

E os tios, «que também o aborrecem»? Que desejariam eles que outros fizessem aos seus próprios filhos, se lhes viessem a faltar? A carta nada me refere que padrinhos e tios realmente não possam. O que dela se infere é que não querem. «Aborrecem-nos...!» Vamos supor, mesmo, que o pequeno seja aborrecido. De quem é ele próximo. Quem, antes dos seus próximos, tem

o dever primário e indeclinável de o amar? E amar não é necessariamente gostar dele; é sofrê-lo e querer e procurar o seu bem.

Sem este fundamento pode falar-se em cristianismo? Tanta fachada cristã por esse mundo além, a esconder almas de pagão!

Este é um caso que hoje me motivou a escrever. Mas são deles e deles e deles... Nós somos angustiados por tantos a que não podemos dar a mão. E muitos até nos levantam a dúvida, se lha devemos dar; se não é consentir na demissão de outros que devem mais e primeiro que nós; se não é rasgar-lhes o caminho fácil da condenação.

P.e Filipe, esse pequenito sofre e fá-lo sofrer. Sofra e não estará perdendo tempo, se for já, e decidido, à procura das ovelhas tresmalhadas do seu rebanho.

Padre Carlos

## Setúbal

«Bolinhas» fugiu, levado por dois que, por tantas vezes o terem feito, se dedicaram à vadiagem e volta e meia rondam a nossa Casa.

«Bolinhas» fugiu porque o «Garrote» o ameaçou com o tribunal. «Garrote» está no lugar de chefe. «Bolinhas» teve medo ao castigo e resolveu desertar. Andou por lá dois dias e depois alguém que está junto com uma irmã o veio trazer.

Ora isto vem a propósito de dizer que os dois vadios continuam por lá. Já têm sido presos pelas autoridades. São postos na rua sem mais nada. Nós por nós não temos tutela sobre eles. Os Tribunais de Menores «não estão lá».

do. Mais 1.000\$ de Lisboa, dum mãe de quatro filhos. Do Porto, várias mensalidades de 100\$. De Monte Estoril, «velha assinante» com 100\$ e mais 1.100\$ da primeira pensão. Os costumados 700\$, de Ermesinde. Cheque de 4.000\$, de Vila Nova de Ourém. E 500\$ de Ilhavo. Visitante de Fernelã com 2.000\$. Dum casal brasileiro, que nos visitou, 2.160\$. E terminamos com 500\$ e estas linhas:

«Para festejar o n.º 900 de «O GAIATO» lembrei-me de enviar a quantia que me deram nas «Bodas de oiro», para eu comprar uma prenda para mim: 500\$00. Como sou uma assinante de «borla» fico com essa prenda.»

Pelas vossas dádivas, pela vossa amizade e pelo vosso carinho, Deus vos pague.

Manuel Pinto

Cont. na 4.ª pág.

# NOTAS DO TEMPO

■ O (mau) tempo que os homens fazem tem-me feito recordar esse inesquecível filme dos primórdios do neo-realismo italiano que se chamou «A Zaragateira». Creio que foi ele que proporcionou o primeiro encontro dos portugueses com essa actriz maravilhosa que foi Anna Magnani e o segundo com Rossellini, depois de «Roma, cidade aberta».

Tanto nojo, tanta vacuidade se projecta nas nossas telas! Mas há filmes que deviam ser vistos por muita gente. «A Zaragateira» cuida que até seria de tornar obrigatório ver a todos os cidadãos deste País, no uso dos seus direitos cívicos. Sessões abertas, gratuitas, de verdadeiro esclarecimento.

A acção passa-se no fim da última grande guerra. Carências de muita espécie afectavam, sobretudo, como sempre, as camadas mais modestas da população. No seu bairro de gente pobre, a «Zaragateira» montara vigilância e era eficiente. Não havia distribuição de géneros de que ela não soubesse. E ela era o fim de qualquer tentativa de especulação.

A sua energia, a sua coragem, a sua argumentação forte e simples, até a sua sã malcriadez — eram forças irresistíveis ao serviço de toda uma população pobre e desprovida de defesa eficaz. Ela era autenticamente a defensora do Povo, que lhe queria muito. Daí o ter nascido no seio do mesmo Povo a ideia de a elegerem sua representante no Parlamento, a Deputada dos Pobres, dos sectores mais abandonados da população.

A ideia vingou. «Zaragateira» começa sua carreira política com todo o fogo e verdade que eram o seu carácter. A sua argumentação forte e simples permanecia irrefutável. Sua audácia e seus modos eram pedradas no charco dos políticos profissionais. A surpresa, a princípio graciosa, do insólito, sucede o susto dos não habituados à luz forte da verdade. A Câmara reage à invasão imprevista daquele mulher-ciclone. E a manha dos políticos profissionais acaba por neutralizar aquela voz pura demais para coexistir com as suas.

Naquela Assembleia reunida em nome do Povo, para defender os seus direitos e interesses, «Zaragateira» experimenta pela primeira vez o gosto amargo da esterilidade. Conclui, tristemente, que não é ali, no meio daqueles «defensores do Povo», que ela poderá defendê-lo, ela que O ama, ela

que Lhe pertence, ela que não ambiciona outra compensação do que a alegria de servi-lo.

E volta ao seu bairro, à sua missão de vigilância activa e eficaz contra toda a tentativa de ludíbrio do Povo.

Digam-me lá, se no agora da vida nacional, não seria saudável rever este filme e meditar, meditar...?!

■ Leis... — «isso é matos»!

Fazem-se em quantidades industriais. Surgem todos os dias de todos os quadrantes: leis e decretos e decretos-leis. Com elas se enchem edições sucessivas do «Diário da República». E depois... a maior parte delas morre ali — nas-

cem mortas. Outras são contraditadas por novas, passado pouco...

Eu não sabia que a seguir à lei, quase sempre (se não sempre) é necessário redigir a sua regulamentação. Caso esta tarde, fica a lei inaplicável, à espera da dita regulamentação. Ficamos todos à espera que a lei se efective, que seja norma, que dê direitos ou os defenda, que abra caminhos... Quer dizer! ficamos sem lei... no cimo de uma onda inflacionária de leis. E caímos na areia. E sofremos traumatismos. E andamos à toa.

Seria ridículo, se não fora trágico!

Padre Carlos

## SETÚBAL

Cont. da 3.ª pág.

por dormir no vão da escada, tanta vez tornava a entrar por assalto à mão armada. Disto sei eu e tu também. Do que é preciso fazer também sabemos, mas isso dá muitas noites de vigília, e isso custa...

● A nossa família vai criando raízes aqui e ali. Duns recebemos notícias, doutros presenças. Nós rejubilamos quando sabemos que eles estão bem, e ficamos tristes quando outros andam à deriva.

Por estes dias vieram até nós o Marques com mulher, cunhados e o seu filho. Está radicado para os lados da Comporta e vive e trabalha com os sogros. Em nossa Casa tirou um curso industrial e esteve na oficina de carpintaria, especialidade que tirou no curso.

Outro que veio até nós foi o ex-«Bola oito». Ele mal-lia mulher vinham cansados da viagem que tiveram que fazer de S. João da Madeira até nossa Casa no carrinho que grangearam à custa de muito esforço:

— Estou de férias, mas levanto-me às cinco da manhã para ir construir o meu poço — disse-nos ele.

Como a água daquele poço há-de ser bem saboreada!

— Vim de propósito para matar saudades.

Com todas estas naturalidades fui levá-los a uma das nossas senhoras, e ao entrar na rouparia ali estava um grupo delas que uma vez por semana se esquecem do seu mundo para virem remendar as nossas roupas, um gesto que se repete não sei há quantos anos. Deixei-os ali a compartilhar e tive que fugir por via de não haver água na lavandaria.

● Eu passava. Encontrei o «Cebola» empoleirado num telhado e o Chico da vacaria mais outro, cá em baixo. Julgando que se tratasse de ninhos, vai de refilar com eles. Foi então que soube. O caso era outro bem diferente do que supunha: Eram os gatos.

Uma gata teve a sua ninhada, e os filhotes meteram-se no tubo de esgoto do telhado e por ele não conseguiam sair, apesar do constante miar da mãe.

— Falta só um — diz de cima do telhado o «Cebola». Ao lado estava a mãe gata toda instalada num caixote com o ninho, regalando-se, a dar de mamar aos filhotes já salvos. Ao lado um recipiente com leite.

«Falta só um!» Vejam lá os senhores o que havemos de dizer e fazer!... Em tempos de restrições, eles querem alimentar os seus gatos com leite. E o que dizer das telhas!...

«Falta só um!» Que importância que as coisas estejam caras? Há vidas a salvar, há carinhos a fazer. Há Escola. É claro que a lição foi distribuída logo ali e eu não te sei dizer quem foi o mestre ou os alunos.

● Noutro dia eu fui a Lisboa com os meus filhos e a minha «cara metade». Entrámos numa Pastelaria-Cervejaria — era o que dizia cá fora — para nos refrescarmos. Sentados ao balcão, dois rapazes da roda dos doze anos bebiam brandy e fumavam como se de homens se tratasse. Tudo me passaria despercebido se eu não soubesse dos grandes males que corrompem e degradam a juventude e das doenças que advêm de hábitos que se tornam em vícios. Doenças que têm sido preocupação e estudo de alguns psiquiatras e psicólogos — que sabem do mal, sabem da causa, mas encontram barreiras no que diz respeito a atalhar o mal pela raiz. Eu sei também do esforço — e por vezes o desânimo — dispendido por gente contaminada pelo álcool. Eles sabem que

duma maneira geral tudo começou por pequenos momentos, e quando se iniciaram as idas ao médico por isto ou aquilo, nem o próprio médico os alertou que eram as bebidas alcoólicas a causa do mal. As lutas de poucos responsáveis não são nada para diminuir a doença. O vírus está na raiz. Daí que eu coloco aqui estes dois rapazes para alertar a Família e a Escola, individualmente, mas como em tudo, de mãos dadas. E isto não chega. As boites, os bares, os cabarés e não sei que mais, não podem fechar os olhos. E os «representantes do povo» onde estão e que juízos fazem dos mais de quinhentos mil alcoólicos que precisam de tratamento e de muitos outros onde o vírus já entrou, mais doutros — e destes falo com mais força — que vão indo no engodo que toda a sociedade lhes fornece?! Isto é demasiado sério para que todos nos unamos, não em pregões mas naquilo que o povo deseja pr'as suas gerações.

É errada a teoria de que os grandes que foram ou são doentes, não têm bagagem para procurar remediar males vindouros.

● Quando estou a trabalhar nisto ou naquilo, há sempre alguns dos mais pequenos a rodear-me. Às vezes não tenho paciência e «corro-os»! Outras deixo-os e respondo-lhes. Eles querem saber como as coisas são feitas. Então é a altura própria de lhes dizer o que custa fazer e consertar. É altura de lhes falar no não estragar. É muitas vezes a hora de alunos e professor aprenderem a lição do trabalho.

Ernesto Pinto

## AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

prejudicam e deseducam, fazendo-os, nalguns casos, reviver situações indesejáveis e criando dificuldades aos seus educadores. É que a esmola é de si aviltante e despersonalizadora, se não for dada com inteligência e discriminação. E, às vezes, para mais demolir, vem acompanhada de «coitadinho» e «pobrezinho» ou de outras quejandas expressões.

Escreveu Pai Américo, a propósito do tema ora aflorado, que «a forma de pedincha profissional é exuberante e criadora nos meios que emprega a pedir». O caso mais ilustrativo encontrámo-lo no que temos presenciado à saída dos casamentos realizados em certo templo alfacinha. Alguém, dispondo de simples ramos, logo que os noivos se apressam para as fotos da praxe, acorre a oferecer-lhos, com votos de felicidades! Outros exemplos se poderiam apontar junto das casas mortuárias e dos cemitérios!

Ajudar os Outros, sim. Procuremos, porém, saber das necessidades reais daqueles a quem pretendemos socorrer e, se possível, resolver de maneira definitiva as suas carências. Dar ao calhas, sem mais, é atitude reprovável. De resto, se não podemos averiguar das circunstâncias ou dos casos, não será difícil encontrar pessoas ou instituições apropriadas, capacitadas para bem aplicar as nossas ofertas. E que a mão que dá não seja vista pela que não deu!

● As operações aqui noticiadas, à laia de partilha, decorreram bem, graças a Deus, tendo merecido de muitos dos Leitores provas de muita estima. Apraz-nos registar o facto, que a vida é feita de pequenas grandes coisas. O Luís de Albufera, operado ao coração, que teve uma Equipa médica e de enfermagem de primeira qualidade ao seu dispor, foi, obviamente, o alvo das maiores atenções. Além de muitas visitas e ofertas, teve quem se prontificasse a dar sangue, caso isso fosse necessário. Felizmente tal não foi preciso, embora houvesse elevado número de voluntários cá da Casa disponíveis. De qualquer modo o nosso bem hajam.

● Iniciamos um curto período de repouso em ordem a retemperar forças. Não podemos, porém, deixar de assinalar publicamente o ultraje de que foi vítima o «senhor Director», no dia da partida, quando se aprestava para tomar o café da despedida no bar dos Rapazes. Uma garrafa de aguardente, devidamente rotulada, aguardava-o, como oriunda da zona da Reforma Agrária e afiançada por alguém. Enchido um cálice e provado o seu conteúdo, era água! «Lerpou», gritaram! Ora vejam, Amigos, como os «senhores Directores» não têm lugar nas nossas Casas e se despedem sem mais!

Padre Luiz



**Gaiato**

Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa